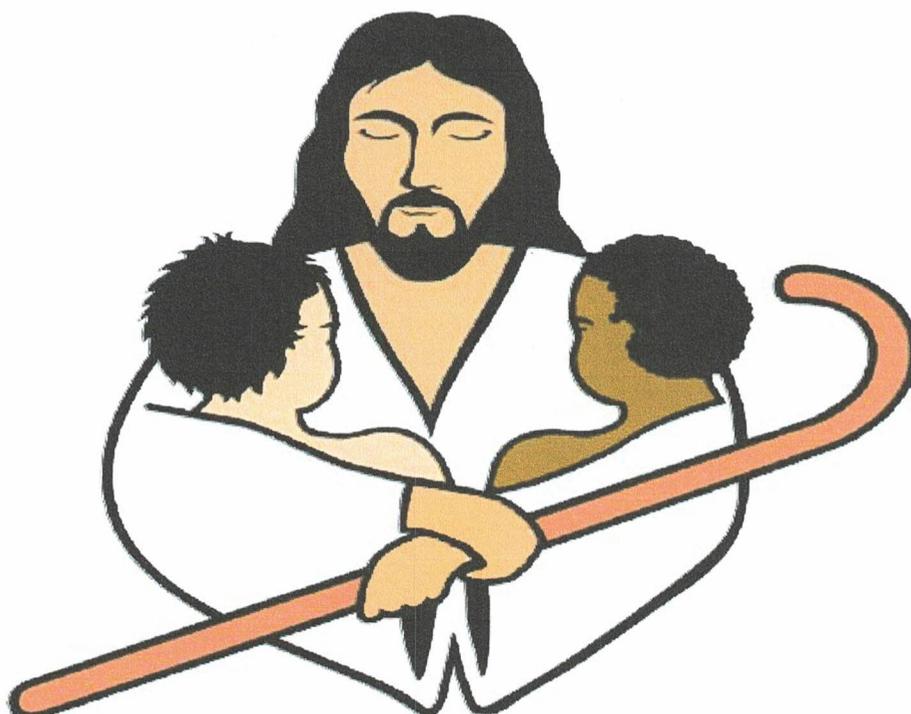


RELATÓRIO CIRCUNTANCIADO DO SEGUNDO SEMESTRE DE 2021

SCFV AEROPORTO II



PASTORAL DO MENOR
E FAMÍLIA

“A serviço da vida de
crianças e adolescentes”

Serviço de Convivência e
Fortalecimento de Vínculos

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO SEMESTRE.

PERÍODO: 01/07/2021 A 31/12/2021

1. IDENTIFICAÇÃO DA ENTIDADE EXECUTORA DO SERVIÇO

Nome: Pastoral do Menor e Família da Diocese de Franca

Endereço: Leandro Fernandes, 1949 –Jardim Aeroporto III

CNPJ: 56.885.262/0001-35

Endereço eletrônico: pastoralmenorfranca1@yahoo.com.br

Telefone para contato: 3701-7550/ 99182-9200

Representante legal: Pe. Ovídio José Alves de Andrade

Equipe de Coordenação: Cristiane Maria Zambelli Alves, Diego Antônio Castro e Lígia Orsini Andrade.

2. IDENTIFICAÇÃO DO SERVIÇO

Nº do Termo de Colaboração: N° 0008/2018

Nome do Serviço, conforme Tipificação: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo.

Endereço de execução: RuaRomeu Presotto, 1950- Jd. Aeroporto II

Público: Crianças e Adolescentes.

Ciclo etário: 06 a 17 anos

Meta cofinanciada: 50

Número de coletivos: Número de usuários por grau de dependência:0

Período/turno: Manhã e Tarde

(x) Região de abrangência territorial: Citar: Aeroporto I, II e Primavera

(x) Municipal

Unidade Estatal de Referência: CRAS Sul

3. INFORMAÇÕES GERAIS

Dias e horário de funcionamento: Segunda a Sexta-feira / 07h30 às 16h50

Total de atendidos:51

Capacidade de atendimento: 50 usuários

Famílias/usuários em lista de espera: Temos 07 crianças/adolescentes correspondentes à demanda reprimida.

Procedimentos em relação a esta demanda:

A demanda reprimida para o SCFV advém espontaneamente e através de oferta, durante ações particularizadas com famílias, pela equipe técnica do CRAS SUL, quando é percebida a existência de situações que demonstram necessidade de trabalhar a convivência. Tal demanda é repassada à Técnica de Referência que faz uma avaliação social detalhada, considerando as situações prioritárias para o Serviço e a disponibilidade de vaga. Há ainda encaminhamento realizado pelo CREAS, Conselho Tutelar, e outros.

4. DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES REALIZADAS

O relatório circunstanciado apresentado envolve indicação de atividades desenvolvidas mensalmente, dificuldades e resultados alcançados; objetiva oferecer informações sobre o trabalho socioassistencial desenvolvido no segundo semestre de 2021.

ALIMENTAÇÃO –

Foram oferecidas duas refeições ou lanche diariamente, sendo no período da manhã: pão com manteiga e leite com achocolatado e uma refeição completa (arroz, feijão, carne, legume, verdura e fruta) e no período da tarde: vitamina e a refeição completa. E em alguns dias lanche.

Na cozinha da Entidade fica diariamente uma graduada em Nutrição, Laura, acompanhando quatro cozinheiras, para que a alimentação seja ofertada com boa qualidade.

Na alimentação as orientadoras sociais trabalham com as crianças e adolescentes a importância de ter uma boa alimentação, para que a partir disso, eles adquiram hábitos saudáveis.

Segue abaixo as atividades realizadas durante o semestre.

O mês de **julho** se iniciou com um período de muito frio na cidade de Franca, sendo assim optamos por pausar as atividades que estavam sendo desenvolvidas e iniciamos de modo mais tranquilo a transmissão de filmes aonde escolhemos em específico para cada turma, sendo feito em seguida um desenho da parte mais interessante do filme.

Foi feito um bolo, o qual durante a semana continuou sendo feito todos os dias para servir para cada turma, em prol dos aniversariantes do mês. O bolo foi feito com doações que orientadora social conseguiu no mês de maio.

Ainda no mês de junho, recebemos doações de roupas para crianças e adolescentes do núcleo e kits de higiene compostos por máscaras descartável, escova de dente, sabonete e creme dental. Também recebemos doações de gorros e cachecol para os atendidos do núcleo e alguns brinquedos. Sendo assim durante o mês de julho foi possível fazer tais doações para os atendidos do núcleo.

Também foram realizadas durante duas semanas atividades voltadas ao ECA e em referência a temática “Assistência Social: direito do povo e dever do estado, com financiamento público, para enfrentar as desigualdades e garantir proteção social” da conferência de assistência social que será realizada na cidade.

De forma lúdica podemos trabalhar os direitos e deveres do povo focando nos direitos e deveres da criança e do adolescente, explicando o que é o ECA, a constituição federal, e mostrando os livros físicos para que eles pudessem ver e tocar e entender, além de palavras ditas existe algo palpável dos direitos, foi explicado em roda de conversa quais os direitos e os deveres, e quem deve assegurar os direitos.

Também para salientar melhor a conversa foram passados alguns vídeos informativos dos direitos, da turma da Mônica, também foi confeccionado uma árvore dos direitos, aonde cada um pode recortar o formato de sua mão e desenhar ou escrever algum direito que aprendeu no SCFV, e as mãos dos atendidos com os direitos escolhidos por eles representados ali, se tornaram as folhas da árvore de direitos, também foram realizados desenhos para confecção de um mural do ECA, constando os direitos e deveres da criança e do adolescente, esta atividade foi realizada com todos os atendidos durante a semana.

Houve também o primeiro encontro da pré-conferência de forma virtual, pontuando as questões do fórum dos trabalhadores do SUAS como a luta pela vacina e visibilidade da assistência social, tendo em vista ser um serviço essencial em meio a pandemia. E também sobre a importância de compor e ocupar espaços como a conferência e fóruns de trabalhadores do SUAS. Na mesma semana houve uma reunião junto à técnica de referência e coordenadora do CRAS SUL, para pontuar sobre a pré-conferência e atividades que o SCFV deveria realizar junto aos responsáveis dos atendidos.

Tivemos a conclusão da oficina de capoeira realizada pelo projeto GINGA, com atividades na área musical desta cultura, através do pandeiro, tambor e berimbau e a entrega dos kits. Foi comunicado as crianças que a apresentação que foi gravada por eles, seria exibida através da plataforma virtual YOUTUBE.

Para tirarmos os representantes e responsáveis dos atendidos, realizamos a pré-conferência no núcleo, onde foram convidados responsáveis dos atendidos para estar participando, e por conta do tempo (no dia fez muito frio e começou a chover) tivemos a presença de uma pessoa, na qual foi repassado a importância e os significados que este espaço político por direitos tem no desenvolvimento de todo o trabalho da assistência

social, o qual se desenvolve por meio dos representantes públicos, da sociedade e de toda a comunidade, tendo, portanto retirando um representante para a assembleia, um titular.

Houve o segundo encontro da pré-conferência realizado pelo FORTSUAS, para deliberar os delegados representantes dos trabalhadores, como a temática era longa para discussão foi proposto continuar no dia seguinte para terminar as deliberações e eleição de delegados. No mesmo dia no período da tarde, o facilitador e orientadora social participou WEBINAR - ORIENTAÇÕES CONSEAS SP: CONFERÊNCIAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, CONSEAS-SP.

Durante o mês de **agosto** foi realizado atividades com as crianças, voltada à questão de segurança alimentar e nutricional, aonde pontuamos que todo mundo tem direito a uma alimentação saudável, acessível, de qualidade, em quantidade suficiente e de modo permanente. Isso é Segurança Alimentar e Nutricional!

O art. 2º da referente lei Nº 11.346 de 15 de setembro de 2006 nos traz que a alimentação adequada é direito fundamental do ser humano, inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal, devendo o poder público adotar as políticas e ações que se façam necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população.

Tendo como base a PNSAN (política nacional de segurança alimentar e nutricional) que se constitui em um conjunto de ações planejadas para garantir a oferta e o acesso aos alimentos para toda a população, promovendo a nutrição e a saúde. Deve ser sustentável, ou seja, desenvolver-se articulando condições que permitam sua manutenção em longo prazo. Requer o envolvimento tanto da sociedade civil organizada, em seus diferentes setores ou áreas de ação – saúde, educação, trabalho, agricultura, desenvolvimento, social, meio ambiente, dentre outros – e em diferentes esferas – produção, comercialização, controle de qualidade, acesso e consumo.

Assim apoiando novas formas de consumo e produção de alimentos, através da educação em todas as esferas, o SCFV entende a necessidade e oportunidade de levar o assunto até os atendidos do núcleo. Para tanto foi feito atividades pensando com as crianças e adolescentes sobre o trajeto da comida que temos em nossa mesa, desde a plantação até o preparo final, em seguida foi apresentado à questão de desigualdade social presente na sociedade, aonde o poder de compra impede muitas famílias de terem o acesso ao seu direito que é a alimentação.

Neste ponto todas as turmas relataram formas de levar o acesso a essas famílias, indo atrás do prefeito, criando “jeitos” que entendemos como políticas de acesso a uma alimentação nutricional. Também foi refletida junto aos atendidos a questão dos agrotóxicos e alimentos transgênicos, trazendo para eles formas de evitar o consumo de tais produtos, como a horta que foi uma alternativa. Neste ponto elaboramos cartazes com tudo que foi discutido e conversado.

Na outra semana dando continuidade no tema de segurança alimentar, elaboramos juntamente com os atendidos a horta do núcleo, cada atendido pode plantar sua hortaliça, como alface, couve, cebolinha e salsinha. Uma horta utilizando caixas de leite, como forma de reutilização e mostrando para os atendidos que é possível o acesso a alimentos orgânicos e também garantindo o direito deles de terem o acesso à educação alimentar e a alimentos plantados por eles.

Foi realizado a conferencia municipal de assistência social, aonde a mãe de um atendido participou conosco como delegada. Durante a conferência notamos a dificuldade da mesma em acompanhar as pautas, mesmo com o facilitador de oficinas e a Orientadora Social sempre explicando ponto por ponto para a usuária.

Entendemos que a conferencia mesmo sendo um local aonde os usuários deveriam se apropriar e fazer parte, eles não se sentem integrados pela forma que ocorre e pelas dificuldades nas falas mesmo com a realização da pré-conferência, momento que antecedeu e visou prepara-las para a conferência, ainda foi grande a dificuldade de entendimento e por ser um evento extenso, se torna cansativo ainda que seja necessário. Foi importante também a aproximação que tivemos junto aos trabalhadores do SUAS possibilitando por meio do FORTSUAS, diálogos em rede de forma mais recorrente. Além disso, visando ocupar espaços já existentes de reflexão passamos a compor as reuniões do CMAS enquanto SCFV.

Durante o mês de agosto foi notório a evasão escolar dos atendidos, muitos ainda não retornaram as atividades escolares presenciais, e vem aumentando os casos em que se encontra situação de trabalho infantil. Todos os casos foram e são encaminhados para a técnica de referência. A orientadora social e o facilitador de oficinas notaram que muitos atendidos estavam com faltas recorrentes. De modo que a orientadora social, sempre entrando em contato com as famílias para saber sobre as faltas e entender a situação, percebe que a maioria é caso de trabalho infantil.

Em reunião com a técnica de referência encaminha todos os atendidos que já estão em situação de trabalho infantil, evasão escolar e também aqueles que há muito tempo já não frequentam o SCFV relatando e informando os casos para a técnica via WhatsApp, tendo sido reforçado esses casos em específico na reunião mensal de forma presencial. Durante a reunião observamos o quanto é grande a demanda das agentes públicas, as quais detêm uma sobrecarga de trabalho ocasionando por vezes uma não finalização dos casos que surgem no serviço e que repassamos para as mesmas.

A constatação do aumento de casos no trabalho infantil torna patente a importância das atividades que vem sendo desenvolvidas dentro do “Fórum Municipal de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil”, o qual tem buscado em rede pensar estratégias e soluções dado o aumento dos casos em toda a cidade. Uma das formas de dialogar e sensibilizar a população para a temática foi à criação do “Concurso Multicultural Contra o Trabalho Infantil na Cidade de Franca-SP” que vai premiar em todas as fases escolares aqueles alunos que desenvolverem através de diferentes expressões artísticas, trabalhos refletindo

o tema. Enquanto Pastoral do Menor temos somado também nesse espaço que compreendemos de fundamental importância e contribuído por meio de oficinas realizadas por nosso grupo de facilitadores de oficinas.

Ainda visando um melhor preparo da equipe, iniciamos processo formativo junto a um grupo de pesquisa interdisciplinar da Pós-Graduação da Unifran, que no primeiro encontro buscou identificar por meio da professora doutora Regina Beretta as demandas dentro do SCFV da Pastoral do Menor de Franca-SP, surgindo com mais ênfase a questão da evasão escolar e trabalho infantil ambas ampliadas com a pandemia Covid-19. A ideia é partir destas pautas, mas estarmos em parceria frequente para as novas que ainda possam surgir.

Uma formação continuada que já vem sendo realizada dentro da Pastoral do Menor com o SCFV, como por exemplo, a reflexão oportunizada pelo Projeto Bom da Cuca sobre o tema "Identidade de Gênero e Educação Sexual" visando contribuir para a composição de atividades nos núcleos que abarquem essa discussão inevitável nos grupos de adolescentes e mesmo de crianças. Não encerrando a temática devido sua complexidade, mas abrindo novos horizontes à se pensar.

Torna-se importante ressaltar ainda, que na reunião administrativa interna da Pastoral do Menor, os trabalhadores vêm refletindo acerca dos procedimentos e formas de desenvolvimento do serviço, se mostrando gritante a necessidade do aumento de funções para a melhor execução dos atendimentos. Para tanto, é notório uma reformulação dos editais que compõem a equipe mínima do SCFV, possibilitando agregar no mesmo, profissionais como psicólogas e assistentes sociais, uma vez que as técnicas de referência das instituições públicas já são sobrecarregadas em suas demandas. Entendendo o complexo panorama em que nos encontramos, sendo o serviço com menos recursos destinados dentro da assistência, no entanto, de suma essencialidade para o município, é imprescindível uma destinação mais significativa de verbas.

Ainda a respeito das formações houve a conclusão do curso online de "Introdução às Violências contra crianças e adolescentes: conceitos básicos e estratégias de enfrentamento" pela ESMP-SP – Escola Superior do Ministério Público de São Paulo. O curso abordou pontos cruciais para nos atentarmos no dia a dia com os usuários e foi taxativo na perspectiva da não culpabilização da vítima além de não revitalizá-la levando a reproduzir o processo de violência além do necessário com profissionais capacitados, os quais utilizam da metodologia da escuta qualificada.

E por fim obtivemos treinamento com o corpo de bombeiros visando estarmos preparados para socorrer alguma eventual necessidade que possa surgir no SCFV, estando capacitados para chamar os profissionais certos para a situação que possa se apresentar, o que é bem positivo dado o trabalho com crianças e adolescentes.

Todas essas reflexões e construções do fazer profissional estão diretamente voltadas para a realização do melhor atendimento que possamos realizar com as famílias usuárias do serviço, sendo este nosso foco, ele não pode jamais sair de vista como principal. O diálogo entre a teoria e a prática que aqui vai se consolidando deve mirar a emancipação e o protagonismo de nossas crianças e adolescentes frente ao mundo que elas se deparam, e se enquanto profissionais sentimos a necessidade de estarmos em formação frequente, é porque o mundo nos apresenta cotidianamente novos desafios e precisamos de alguma forma descobrir como lidar com eles.

Durante o mês de **setembro** foram realizadas atividades com as crianças e adolescentes voltadas à reciclagem, processo que já havia sido iniciado no percurso anterior de segurança alimentar no qual desenvolvemos junto às crianças a própria horta do núcleo dentro de embalagens de caixas de leite, mas que agora, foi pensado e estruturado totalmente para discutirmos e refletirmos sobre a questão do lixo reciclável e de alguma forma contribuir para uma nova prática dos atendidos referente ao descarte consciente dos produtos que consumimos e utilizamos em diversos espaços nos quais estamos inseridos, podendo até mesmo como nossa prática mostrou tornar útil de outras formas, aquilo que a princípio já não nos servia.

Para elaborar a atividade e construir as reflexões foi preparado materiais para a confecção de jogos de tabuleiros como dama e jogo da velha, os quais também já haviam sido desenvolvidos dentro de outro percurso que buscou trabalhar o raciocínio lógico e a atenção. Mas que agora na confecção do próprio jogo possibilitou o uso da criatividade e da imaginação uma vez que cada um pode construir a seu modo o próprio jogo, pintando e decorando de acordo com o gosto particular.

Como material fomos juntando caixas de papelão de diferentes dimensões que chegam com frequência ao núcleo, seja trazendo alimentos ou doações e tinta guache para colorir os tabuleiros e peças neles utilizados que também foram elaboradas pelos atendidos.

Acerca dos processos formativos dos trabalhadores tivemos reunião do GT junto à secretaria de Ação Social municipal na qual foram levantadas algumas pautas, tais como: aumento gradativo da quantidade de atendidos diários; a questão agravada do trabalho infantil na cidade que vai ocasionar um aumento no número de atendidos adolescentes por núcleo; o racionamento de água que vem sendo frequente e a possibilidade de realocação dos atendidos quando necessário devido essa circunstância; agendamento de capacitação sobre o SUAS; preparação de oficina que tenha tido impacto no serviço para apresentar à secretaria nos meses de outubro e novembro; além de temas recorrentes tais como a alta demanda das técnicas de referência do CRAS e a insuficiência no repasse de verbas do chamamento para o SCFV que ocasionam, por exemplo, uma rotatividade muito alta de profissionais devido à questão salarial.

Tivemos ainda alguns adolescentes encaminhados para um novo serviço prestado pela Pastoral do Menor denominado PIPA (Polo de iniciação e preparação para aprendizagem) o qual visa prepara-los para o mercado de trabalho com capacitações diversas em um período de três meses. Um dos atendidos

encaminhado para o PIPA estava em situação de trabalho infantil, a mãe relatava que estava trabalhando com o pai, após inscrever o atendido no projeto, a mãe veio ao núcleo para finalizar a inscrição e conversou com a Orientadora Social, onde ficou combinado dele frequentar o novo projeto no período contrário a escola, e continuar frequentando o SCFV nos horários que não estava no PIPA.

Porém ela relatou a falta de condições financeiras para o transporte do atendido, sendo assim a orientadora encaminhou a situação para Lindsey coordenadora do PIPA na qual estava articulando para conseguir o transporte, mais esse processo estava demorando e o atendido estava perdendo as aulas do PIPA, a orientadora então procurou a Coordenadora do CRAS referenciado, para conseguir passe social, até o momento desta escrita não foi disponibilizado meios de condução para o mesmo, e existe a preocupação do regresso ao trabalho infantil pelo fato de não ter transporte para o atendido frequentar o projeto, que era uma alternativa para a demanda apresentada.

No início do mês ocorreu a partir do “Fórum de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e Proteção ao Adolescente de Franca” (FMPETIPA) oficinas em apoio ao Concurso Multicultural realizado pelo mesmo órgão. De modo, que os facilitadores da Pastoral puderam contribuir realizando oficinas com as seguintes temáticas: “Num mundo de gente grande, trabalho é coisa de quem?” e “E aí, como acabar com o trabalho infantil?” que foram apresentadas através de uma metodologia interativa, dado a realidade digital que ainda estamos vivenciando em decorrência da pandemia do Covid-19.

Através do trabalho realizado com FMPETIPA, tivemos o convite para realizarmos enquanto equipe Pastoral o evento final de Premiação do Concurso Multicultural, fazendo deste, ambiente de esclarecimento e conscientização sobre o Trabalho Infantil.

Houve também a visita da servidora pública Irene que compõe a equipe de monitoramento da Assistência Social juntamente com a técnica de referência da região sul visando realizar o preenchimento do formulário CENSO SUAS 2021 do SCFV.

Ainda sobre formação continuamos tendo por meio de processo interno da Pastoral parceria com as universidades da cidade, as quais vêm contribuindo através de capacitações e diálogos os quais possam acrescentar de alguma maneira no desenvolvimento do trabalho, posto que esse acarreta uma carga de angústia devido a impossibilidade de concretização das demandas existentes. As parcerias nesse sentido têm sido realizadas com ambos os departamentos de psicologia da Unifacef e serviço social da Unifran.

Iniciou também neste mês a aluna de psicologia Sofia seu processo de estagio na instituição, a qual permanecerá com a equipe ate o mês de dezembro. Além de termos recebido a visita da professora doutora Regina Beretta e alguns de seus orientandos que conheceram nossas instalações e nossa equipe para nos ouvir e então poderem visualizar no que podem contribuir.

Como forma de compor todos ambientes da rede, a orientadora social, participou da reunião do CMAS, onde ocorreu a avaliação dos conselheiros sobre a conferência municipal de Assistência Social de Franca, também foram criadas comissões para desenvolver o trabalho do conselho.

Durante a última reunião junto com a Técnica de referência, tinha sido encaminhado várias situações de possíveis desligamentos, no fim do mês a mesma fez o desligamento de dois atendidos do núcleo que mudaram de cidade, estão morando no município de Patrocínio Paulista.

Por fim, tivemos reunião administrativa da Pastoral do Menor, encontro mensal que reúne todos os núcleos do SCFV da instituição. Pensado como espaço de troca para os profissionais que ainda que realizem o mesmo trabalho se deparam com vivências outras cada qual a partir do território em que está inserido, se faz oportuno tais momentos. Ademais foi realizado um bate-papo sobre saúde mental dos profissionais com uma de nossas trabalhadoras, uma conversa reflexiva sobre gênero e sexualidade com a doutoranda Leticia da Unifran que agregou bastante o pensar de todos dentro dessa temática.

Na primeira semana do mês de **novembro** discutimos e refletimos acerca da temática de gênero, o assunto é amplo e não pretendemos de modo algum encerrar a discussão, nosso intuito foi mesmo introduzir e chamar a atenção dos atendidos a partir das próprias manifestações deles dentro do processo socializante que o serviço propicia. Partimos das imposições que são atribuídas as figuras de MENINAS/MULHERES e MENINOS/HOMENS e como isso está atrelado à dominação e posições de poder sempre favorecendo um dos lados e diminuindo e inviabilizando o outro.

Criam-se duas urnas, uma escrita menina e outro menino, então se entrega a cada participante duas fichas para que em uma escrevam um emprego que seja do gênero feminino e outro que seja do gênero masculino. Após escreverem solicite que depositem na urna que refere-se à profissão transcrita.

Seguindo a programação deixa-se a urna por um estante e se passa a atividade seguinte que é complementação da primeira, nesta coloca-se em uma caixa brinquedos ditos de meninas e de meninos, como observado no núcleo temos muitos com cor rosa que é direcionado ao gênero feminino e tantos outros com coloração diversa, direcionados ao gênero masculino. Assim pede-se que cada participante se direcione até a caixa e retire da mesma um brinquedo de menina e um brinquedo de menino, assim que todos realizem esta segunda etapa solicita-se que sentem para uma roda de conversa.

Na roda iniciamos com alguns questionamentos aqui transcrevemos alguns que podem servir de estímulo inicial para o diálogo, mas no momento, a partir da reação obtida em cada atividade, tantos outros podem surgir). Por que esse brinquedo é de menina e outro é de menino? Por que os brinquedos ditos de meninas são em maioria da cor rosa e o dos meninos não necessariamente tem uma padronização de cor? Por que os brinquedos ditos de meninas muitas das vezes são reproduções dos afazeres domésticos de uma casa? Por que os meninos não podem brincar de bonecas se quando adultos eles também serão pais como as

meninas mães? Por que as brincadeiras dos meninos são sempre mais divertidas? E por que as meninas não podem brincar delas?

Finalizando esse primeiro momento de reflexão a partir da divisão que nos é imposta com os brinquedos para cada gênero, retornamos para as urnas e enquanto vamos descobrindo as profissões designadas para ambos vamos elencando em uma lousa separando as mesmas por gênero.

Apontamos então algumas questões: quais das profissões aqui escritas são de fato para apenas um dos gêneros? Por que profissões de homens são tidas como mais pesadas? Ambos os gêneros não são capazes de desenvolver qualquer função? Por que algumas atividades profissionais quando realizadas em casa são vistas como para mulheres e quando se há valor salarial passam a ser ocupadas por homens? Por que existe diferença salarial em uma mesma atividade desenvolvida por mulheres e homens, as primeiras chegando a ganhar bem menos quando comparado com o total que os homens recebem?

A partir daí a discussão pode se desenrolar para vários âmbitos e isso pode ser bem significativo, pois que vamos instigando a partir da própria realidade dos atendidos, questionando também como se dá essa relação de papéis de gênero dentro do círculo familiar deles.

Percurso semanas das crianças na segunda semana realizamos atividades voltadas para o dia das crianças, na qual tivemos alimentações mais elaboradas e diversificadas para nossos atendidos. Também fomos dia 14/10 realizar um passeio externo – bom ressaltar que foi o primeiro passeio pós-pandemia e seguiremos todas as medidas de segurança estabelecidas para o controle da Covid-19 – em um sítio próximo à cidade, possibilitando às crianças e adolescentes um ambiente de lazer a mais com gincana realizando-se vários jogos.

As atividades realizadas na gincana: em um primeiro momento se divide os atendidos em dois grupos, com isso pede-se que estes criem um nome e um grito de guerra para sua equipe.

Corrida com os pés amarrados: nessa brincadeira dois participantes jogam. Utiliza-se barbante para prender pé com pé de ambos os jogadores e estes devem criar sua própria estratégia para alcançar a linha de chegada antes da outra dupla com a qual competem. Além da corrida, precisam estourar uma bexiga que se encontra no ponto de chegada utilizando alguma parte do corpo que não seja as mãos e os pés.

Água que cai no copo tem que cair no balde: neste jogo as respectivas equipes devem se enfileirar sentados. Então é entregue um copo para cada participante, sendo que o primeiro da fila tem a sua frente um balde cheio de água e o último um balde à sua costa vazio. O primeiro competidor deve encher o seu copo de água e colocando sobre a cabeça inclinar de costa para que a água que está em seu copo seja despejada no copo do seu sucessor, o movimento vai sendo repetido até que alcance o final da fila. Pode-se nesta brincadeira determinar um tempo e ao final determinar qual grupo conseguiu encher mais seu balde ou também delimitar um nível que deve ser alcançado finalizando-se a prova quando um grupo atingir essa delimitação primeiro. A nossa gincana foi prejudicada por alguns fatores que ocorreram no dia, primeiro

pelo veículo que fez o transporte ter quebrado ainda no bairro do serviço o que ocasionou um atraso da nossa partida, dado que foi preciso solicitar outro ônibus, depois pegamos uma chuva forte no trajeto e todos esses transtornos nos impediram de realizar todo o planejamento do dia, uma vez que, o tempo no local ficou reduzido e tínhamos horário para retornar com os atendidos.

Percurso ambiente escolar já na terceira e quarta semana do mês, observando a alta da evasão escolar entre os atendidos, propusemos atividades direcionadas para refletir o ambiente escolar. Para tanto colocamos dois baús e papéis à vontade para que escrevessem o que é bom e o que é ruim na escola, de modo que depositavam os pontos positivos em um baú e os negativos em outro.

Então com as questões levantadas por eles começamos a refletir o porquê de existirem tais pontos negativos e positivos; o porquê da organização tal como é do sistema de ensino que estão inseridos; e o porquê de sempre que se fala nessa temática todos dizerem que é necessário o estudo, mas não realizar-se de fato um ensino chamativo para que queiram de fato estudar.

Após discutirmos as questões levantadas por eles e alguns pontos de estímulo tragos pela equipe, foi proposto que os atendidos realizassem uma encenação da escola tal como ela é e depois como eles imaginam que deveria ser. Nos embasamos aqui no teatrólogo Augusto Boal que trabalha com relações interpessoais e sociais que ressalta - A modalidade do Teatro do Oprimido mais popular e utilizada no mundo é o Teatro-Fórum. Constrói-se uma peça na qual se dramatiza uma situação da realidade marcada pelas relações de poder e de opressão. ... É um modo de aprofundar a realidade de forma mais lúdica e que desperta o desejo de transformar o mundo (Boal, 2005).

Com isso buscamos enfatizar com eles a necessidade de frequentar o ambiente escolar, uma vez que este não serve meramente para engolir matérias e conteúdos, mas também como forma de socialização, identificação e construção de vínculos, expandindo, portanto, nossas formas de nos encontrarmos no mundo.

Chegando à quarta semana, foi proposto às crianças e adolescentes a elaboração conjunta de uma carta para as respectivas escolas que estes frequentam no bairro, a de esfera municipal e estadual. Buscamos com isso atingir dois objetivos, o primeiro e mais importante sensibilizar os trabalhadores da educação envolvidos para os apontamentos levantados por nossos atendidos, uma vez que estes ressaltam com frequência uma antipatia a este espaço. E em segundo lugar iniciar um diálogo intersetorial com outros ambientes públicos do território, neste caso as escolas.

Importante ressaltar que com a elaboração da carta não pretendemos manifestar uma crítica rasa e violenta aos profissionais da educação, mas sim apontar fatos que nos são passados e sozinhos não somos capazes de realizar uma mudança significativa. De modo, que nos colocamos abertos para juntos pensarmos estratégias, uma vez que os atendidos são frequentadores de ambos os espaços.

As violências são tantas e de tantas formas, o que faz ser necessário pensarmos e dialogarmos sobre suas manifestações. Foi pensando nisso que por meio de um jogo e da contação de histórias incorporamos sutilmente algumas representações destas violências, algumas até mesmo que representam histórias acontecidas, violências vividas, visando alertar, proteger e conscientizar os atendidos para ações que são danosas ao seu corpo e a sua mente, e que não podem ser recorrentes, persistentes, nem mesmo existentes. Sobre o tema consta no ECA Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

Ainda sobre as formas que as violências podem se apresentar temos no Art. 18-A. A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados sem o uso de castigo físico ou de tratamento cruel ou degradante, como formas de correção, disciplina, educação ou qualquer outro pretexto, pelos pais, pelos integrantes da família ampliada, pelos responsáveis, pelos agentes públicos executores de medidas socioeducativas ou por qualquer pessoa encarregada de cuidar deles, tratá-los, educá-los ou protegê-los.

Compete a nós tratarmos desse tema uma vez que o documento aqui utilizado para nos embasarmos estabelece justamente acerca de quem é o dever da proteção quando diz em seu Art. 70. É dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente. De forma que estando nós trabalhando diretamente com a proteção social não podemos nos furtar de maneira alguma dessa discussão.

Tal percurso foi de extrema necessidade, durante a execução pudemos compreender as diversas facetas da violência que nossos atendidos estão expostos, também perceber que muitos têm o SCFV como o único local que se sentem seguros. Demandas surgiram durante o percurso, como entender que a escola é um espaço violento e hostil para com os atendidos e nota-se a necessidade da interlocução com as instituições educacionais para trabalhar essas questões, pois nenhum atendido se sente seguro nas escolas e seguros em conversar com profissionais que trabalham neste ambiente.

Também percebemos atendidos que sofreram abusos sexuais que ainda frequenta o mesmo ambiente do seu abusador e ouvi-los como é desconfortável estar próximo desta pessoa e o medo de ocorrer novamente. Alguns ainda trouxeram situações de brigas em casa aonde traz um desconforto e medo, relatos de se cortar por querer expressar a sua dor de alguma forma. Demandas importantes e necessárias de se trabalhar com os atendidos nos próximos percursos.

Iniciamos com a demonstração do filme “Lion: Uma Jornada para Casa”, com o qual pudemos refletir as diversas desproteções a que uma criança estando desamparada pode vivenciar.

Dando sequência elaboramos algumas questões as quais escondemos propositalmente no espaço das vivências e realizamos o jogo do “Quente ou Frio”, com o qual foi possível dinamizar a proposta do tema e inserir um fator lúdico dentro da oficina. Após todos terem passado da etapa do jogo fomos para uma roda

na qual um a um abria seu papel e lia para o grupo sua questão, este respondia se lhe fosse confortável e depois abríamos para todos do grupo que também queria falar sobre a mesma.

Finalizado o momento de conversação passamos para a etapa de criação e contação de estória elaborada por todo o grupo. Funciona do seguinte modo, colocamos em uma caixinha palavras aleatórias que podem ser objetos, profissões, nome de animais, etc., e assim cada um deverá incorporar na sua parte da estória construída essa palavra que pegou dando sentido e coerência em sua elaboração.

Assim acreditamos que desenvolvemos atividades que discutiram e refletiram a violência sem estar em um lugar violento e forçado, mas atento as proposições do ECA e da Constituição Federal no que diz respeito a temática.

A discriminação étnica é algo que persiste no nosso meio social, o racismo está posto e é papel de todos nós enquanto sociedade repensarmos a nossa postura de enfrentamento, não cabe somente à comunidade negra se por na luta, luta esta necessária que diz respeito às suas formas de viver. Mas é preciso que a população branca também se atente, enquanto racistas é preciso que estes revejam suas ações e se coloquem na condição de mudança, compreensão e correção cotidiana, se o racismo está nas sutilizas do dia a dia é nesse mesmo dia a dia que precisamos nos remodelar, ser taxativos no antirracismo, não deixar passar nenhuma uma ofensa, nenhuma “brincadeira”, nenhum termo que relaciona o ser negra e negro as coisas ruins existentes.

Como saímos de um percurso mais reflexivo mesmo de forma lúdica com assuntos um tanto desconfortável mais necessário de ser representado, o percurso de relações étnico-racial foi necessário iniciar de uma forma mais leve, para isso pesquisamos e repassamos para eles brincadeiras de origem do continente africano, para brincar e aprender juntos. Brincadeiras como MAMBA (África do Sul) Marca e estabeleça limites.

Todos devem permanecer dentro dos limites. Escolha um jogador para ser a mamba (Cobra). A cobra corre ao redor da área marcada e tenta apanhar os outros. Quando um jogador é pego, ele segura sobre os ombros do primeiro jogador ou a cintura do jogador que representa a cobra. O ultimo que não foi pego ganha o jogo. Também jogamos Terra-mar (Moçambique) Uma longa reta deve ser riscada no chão. De um lado se escreve “Terra” e do outro “Mar”. No inicio todas as crianças podem ficar no lado da terra.

Ao ouvirem: Mar! Todos devem pular para o lado do MAR. Ao ouvirem terra! Pulam para o lado da terra. Quem pular para o lado errado sai. O ultimo que permanecer sem errar vence. Tivemos o Labirinto (Moçambique) Com uma bolinha em uma das mãos, sem que o outro saiba, os jogadores colocam-se de frente um pro outro. Na aresta inicial do labirinto que foi construído como forma de tabuleiro no chão do SCFV, os jogadores tentam adivinhar em que mão a bolinha está, acertando corre para próxima aresta do labirinto, errando a mão correta quem escondeu a bolinha em mãos corre. O primeiro a chegar na ultima aresta do labirinto ganha o jogo.

Foi importante para interação do grupo e o brincar é necessário na infância como forma de construção do ser e criação e imaginação e nós do serviço buscamos integralmente a emancipação do Ser Social dos atendidos fazendo isso de forma lúdica e brincando.

Iniciamos o mês de **dezembro** com o percurso “QUEM SOU EU”, por meio da atividade de elaborar sua própria caricatura através de um mosaico, podendo cada atendido realizar um olhar profundo para si, pois que precisou se mostrar de fato no desenho. Seguindo ainda no percurso "QUEM SOU EU" realizamos junto aos atendidos a pintura de mandalas, cada um confeccionando a seu gosto, depois de finalizado a pintura cada um teve que escrever três gostos particulares e depois perguntávamos ao grupo sem eles saberem o nome do colega quem era a pessoa que tinha tais gostos. A atividade procurou aproximar mais os membros dos grupos e se conhecerem ainda mais.

E como chegamos ao mês do natal, aproveitamos também para propor aos atendidos a elaboração de um cartão de natal para presentear a quem eles desejassem, de modo que cada um pode confeccionar o cartão seja para familiares, trabalhadores do núcleo ou para amigos do grupo do serviço.

Seguindo ainda nosso percurso “QUEM SOU EU” desenvolvemos jogos tradicionais, com os quais conseguimos estabelecer diálogos acerca do convívio e vivências grupais, pois que é preciso entender o “EU” também no coletivo, além de ser um pedido recorrente dos atendidos posto que os últimos percursos foram mais calmos e reflexivos.

E por fim, chegando o final do mês e devido o recesso escolar o número de atendidos frequentando diminuiu drasticamente, o que fez com que não desenvolvêssemos percursos muito elaborados, estando a deixá-los mais livres para brincarem a partir das possibilidades que o núcleo comporta, estabelecendo assim momentos mais recreativos com os quais foi possível rememorar brincadeiras que trabalhamos ainda que recente de origem no continente africano, as quais os atendidos gostaram bastante MAMBA (África do Sul) Marca e estabeleça limites. Todos devem permanecer dentro dos limites. Escolha um jogador para ser a mamba (Cobra). A cobra corre ao redor da área marcada e tenta apanhar os outros.

Quando um jogador é pego, ele segura sobre os ombros do primeiro jogador ou a cintura do jogador que representa a cobra. O ultimo que não foi pego ganha o jogo. Também jogamos Terra-mar (Moçambique) Uma longa reta deve ser riscada no chão. De um lado se escreve “Terra” e do outro “Mar”. No inicio todas as crianças podem ficar no lado da terra. Ao ouvirem: Mar! Todos devem pular para o lado do MAR. Ao ouvirem terra! Pulam para o lado da terra. Quem pular para o lado errado sai.

O ultimo que permanecer sem errar vence. Tivemos o Labirinto (Moçambique) Com uma bolinha em uma das mãos, sem que o outro saiba, os jogadores colocam-se de frente um pro outro. Na aresta inicial do labirinto que foi construído como forma de tabuleiro no chão do SCFV, os jogadores tentam adivinhar em que mão a bolinha está, acertando corre para próxima aresta do labirinto, errando a mão correta quem escondeu a bolinha em mãos corre. O primeiro a chegar a ultima aresta do labirinto ganha o jogo.

DEMANDA ATENDIDA

Há 01 coletivo com 50 usuários, divididos em 02 grupos de 25 cada, sendo 01 no período da manhã e outro no período da tarde. Atualmente, a composição dos grupos encontra-se incompleta, considerando algumas vagas existentes, que já estão sendo preenchidas, o mais breve possível. A rotatividade de usuários no SCFV continua sendo um grande desafio enfrentado.

RESULTADOS CONCRETOS

No começo do mês a técnica de referência retornou ao trabalho e pudemos nos alinhar as demandas do serviço, também vemos como resultado a interação que pudemos ter com outros serviços da cidade dentro do circuito de vivências, aonde pudemos pensar em percursos que interagisse de forma Inter geracional com o CCI de idosos que não conhecíamos antes do circuito.

Com as atividades relacionadas à conferencia de assistência social, tivemos uma representante da comunidade e do núcleo se apropriando do espaço enquanto sociedade civil em conjunto com o poder publico, sendo eleita para delegada em busca de efetivação dos seus direitos. Tal ação é de suma importância para a emancipação social e consolidação de uma autonomia do Ser Social.

Entendemos que a formação continuada, é de suma importância para a concretude do trabalho e o quão importante esta sendo esse processo de estudos. A inclusão em alguns meios da rede intersetorial também vem somando nas ações do SCFV, mas percebendo que ainda são poucas as inclusões do SCFV dentro da rede.

Esse mês, tivemos um retorno maior referente aos encaminhamentos feitos para a técnica de referência, uma troca mais assídua sobre os casos e demandas do núcleo. Podendo concretizar ao menos um dos vários encaminhamentos repassados

Tivemos o convite para participar da reunião intersetorial da região sul, pois que integramos a rede socioassistencial enquanto SCFV ponto que havíamos levantado anteriormente como uma necessidade.

Conseguimos através do curso manual da família que estivemos integrando, construir algo mais lúdico e efetivo e vimos na pratica a efetividade através da oficina sobre prevenção a violência.

AVALIAÇÃO DAS AÇÕES DO SERVIÇO

Foi interessante observar que mesmo o número reduzido no começo do mês, houve sempre participação dos atendidos e também que eles recordaram das atividades teatrais relatando que executaram até em casa os jogos. Também nota-se a importância de continuar com algumas simbologias criadas no núcleo como a de realizar bolo para os aniversariantes do mês, pois é uma forma de que eles saibam que a pastoral realmente lembra-se deles.

A discussão ampliada aos atendidos e responsáveis mediante a conferência de assistência social, foi de grande importância, visto que, foi possibilitado o acesso à informação acerca dos direitos e a compreensão que os mesmos detêm da condição dos serviços já prestados em seu território e as intervenções ainda necessárias.

Precisamos de fato transformar e romper os ciclos das diversas vulnerabilidades existentes nas famílias usuárias do serviço, todavia, ainda que façamos o melhor dentro das possibilidades existentes até aqui, nos questionamos sobre a real interferência, no âmbito positivo da palavra, não podemos achar que seja o bastante, mas não podemos carregar o peso da ineficiência do sistema sozinho, somente juntos conseguiremos realizar o trabalho necessário.

Durante o mês pudemos entender em capacitações e parcerias que o SCFV sozinho não é capaz de sanar todas as demandas advindas dos atendidos, sendo assim, faremos o possível diante das demandas tentando não ter o desgaste psicológico.

Acerca das oficinas, foi perceptível constatar um olhar recorrente e estrutural do lugar de menina e de menino ainda arraigados em nossa sociedade, o qual estabelece, por exemplo, que a cor rosa é das meninas e o azul ou demais cores de meninos. Neste diálogo de gênero não quisemos culpabilizar de maneira alguma as manifestações dos atendidos, mas trazer um novo modo de pensar e de se enxergar no mundo. Abrimos também um ponto de reflexão que possibilita de agora em diante sempre levantar problematizações quando surge uma piada que se refira a condição de ser homem ou mulher nas famosas frases “coisa de menino e coisa de menina”, trazendo o pensar o tema da desigualdade de gênero no cotidiano.

Sobre o percurso do ambiente escolar, ficou claro para a equipe que é uma discussão extremamente difícil de acessá-los e realizar uma reflexão de fato junto a eles, as expectativas que tínhamos de conseguir fazer com que o diálogo os fizesse retornar as aulas não vingaram e a rejeição a esse ambiente ainda é alta. Para nós é nítido que precisamos nos preparar ainda mais para discutirmos o tema podendo oportunizar novas formas de reflexão e interação junto aos atendidos no que diz respeito ao significado e importância que tem a escola na vida de cada um deles.

Por fim, os diálogos que vem sendo construídos em rede nos diferentes meios representativos da proteção social assim como os cursos e oficinas que viemos realizando contribuí significativamente em

nossa prática diária, sendo fundamental, que seja permanente essas formações continuadas, as mudanças do mundo não param e também não podemos achar que chega um ponto que finda nosso aprendizado, este deve ser almejado sempre, igual é sua transformação.

Acerca das oficinas, foi perceptível constatar que tivemos nosso objetivo alcançado, pensando em uma forma de falar sobre violência de uma forma que não fosse violenta e que os atendidos conseguissem se expressar e falar sobre suas questões e medos. Como já relatado no corpo do relatório, as demandas surgiram e agora cabe ao serviço trabalhar com elas de forma efetiva.

Vimos que o encerramento do circuito de vivência foi muito produtivo, onde pudemos expor nossos pensamentos e relatos de quem vive o serviço de forma integral. Pensamos que se realmente as exposições dadas no encerramento forem ouvidas os serviços podem ter ganhos gritantes no seu desenvolvimento e atuação mais efetiva.

DIFICULDADES/ ENTRAVES NA EXECUÇÃO DAS AÇÕES

Concretização dos encaminhamentos para técnica de referencia, entendendo da grande demanda que sobrecarrega sobre os servidores e trabalhadores do SUAS.

Ainda permanece como dificuldade a concretização dos encaminhamentos para técnica de referencia, entendendo da grande demanda que sabrecai sobre os servidores e trabalhadores do SUAS.

ALTERNATIVAS IDENTIFICADAS PARA SOLUCIONAR OS ENTRAVES

A alternativa encontrada foi dar sequencia a atividade programada mesmo com baixo quantitativo de participante tendo em vista a data final para realização estar próxima.

Aumentar dentro do edital o recurso para o SCFV e também a equipe mínima que a compõe, para que os encaminhamentos referentes às demandas possa ser guiados com mais autonomia pelo serviço.

A única alternativa diante da dificuldade que estamos encontrando é aumentar dentro do edital o recurso para o SCFV e também a equipe mínima que a compõe, para que os encaminhamentos referentes às demandas possam ser guiados com mais autonomia pelo serviço.

4.1 Recursos Humanos envolvidos diretamente:

	Nome completo	Data de Nascimento (DD/MM/AAAA)	Sexo	CPF	Dados do RG			E-mail	INFORMAÇÕES SOBRE O PROFISSIONAL					Início do Exercício Função (DD/MM/AAAA)
					Número	Órgão Emissor	UF		Escolaridade	Profissão	Vínculo	Função	Carga horária SEMANAL	
1	Aline Fernandes Martins	07/12/1990	F	408.485.358-55	47.130.318-5	SS P	SP	alinea0712fermandes@gmail.com	4-Ensino Médio Completo	20-Profissional de Nível Médio	5- Empregado Celetista do Setor Privado	5 - Serviços Gerais	5- Maior que 40 horas semanais.	21/02/2013
2	Carolina Torres Fonseca	24/05/2000	F	438.677.738-58	55.231.374-9	SS P	SP	caarol.torres@hotmail.com	4- Ensino Médio Completo	20- Profissional de nível médio	5-Empregado celetista do setor Privado	3- Apoio Administrativo	5- Maior que 40 horas semanais.	12/05/2021
3	Luis Eduardo Santos Faleiros	26/07/1996	M	451.162.348-19	53.149.815-3	SS P	SP	luis.faleiros26@gmail.com	6 - Ensino Superior Completo	19-Outro profissional de nível superior	5-Empregado celetista do setor Privado	7- Outro - Facilitador (a) de Oficinas	5- Maior que 40 horas semanais.	01/03/2021
4	Vitória Raquel Ribeiro Rocha	03/03/1996	F	448.952.698-92	53.932.415-2	SS P	SP	vitoria.raquel03@hotmail.com	4-Ensino Médio Completo	18-Profissional de Nível Médio	5-Empregado celetista do setor Privado	2- Educador (a) Social	5- Maior que 40 horas semanais.	12/05/2021

Equipe de apoio:

	Nome completo	Data de Nascimento (DD/MM/AAAA)	Sexo	CPF	Dados do RG			E-mail	INFORMAÇÕES SOBRE O PROFISSIONAL					Início do Exercício Função (DD/MM/AAAA)
					Número	Órgão Emissor	UF		Escolaridade	Profissão	Vínculo	Função	Carga horária SEMANAL	
1	David Luiz Lourenço	28/10/1982	M	224.358.698-35	40.622.522-7	SSP	SP	dvdluizlourenco@gmail.com	20- Profissional de nível médio	5- Empregado Celetista do Setor Privado	7- Outros - Motorista	5- Maior que 40 horas semanais	20/09/2016	
2	Lucas Cardoso dos Santos	26/07/1985	M	345.293.428-40	40.825.520-4	SSP	SP	lukascardo sofilmmaker@hotmail.com	19- Outra formação de nível superior - Publicidade e Propaganda	5- Empregado Celetista do Setor Privado	7- Outros - Analista de Marketing	5- Maior que 40 horas semanais	11/01/2021	
3	Lígia Orsini Andrade	08/07/1987	F	345.783.418-01	42.201.917-3	SSP	SP	Ligia-orsini@hotmail.com	3- Pedagoga	5- Empregado Celetista do Setor Privado	1- Coordenador	5- Maior que 40 horas semanais	05/05/2014	

Os recursos humanos foram suficientes? () sim (X) não

Existe a necessidade de ampliação do quadro de um funcionário na área de psicologia, pois a rede pública não atende o mínimo da demanda que o SCFV tem para tal profissional. Sendo de extrema necessidade esse funcionário, a Pastoral do Menor através de recursos de doações, conseguiu neste semestre, que uma psicóloga realizasse supervisões com seus funcionários, não tendo a garantia se haverá os mesmos recursos para acontecer no próximo semestre.

FORMAÇÕES

A Pastoral do Menor realizou seis formações sendo elas três para os novos agentes e três ampliadas com todos os agentes da PAMEN, durante o segundo semestre. Os temas apresentados tiveram como Temáticas: ASSEMBLEIA DIOCESANA PAMEN, APROFUNDAMENTO DA METODOLOGIA DA PRÁTICAS EDUCATIVAS DA PAMEN, PROCESSOS ADMINISTRATIVOS E MISSÃO, PLANO DE FORMAÇÃO VER – JULGAR – AGIR, REVER E CELEBRAR. (PEDAGOGIA DA MOBILIZAÇÃO, DO AMOR E DA RESISTÊNCIA).

Acreditamos que seria de grande importância a Secretaria de Ação Social ofertar palestras, oficinas e cursos para a equipe envolvida no SCFV, pois a contrapartida da entidade é destinada para outros aspectos de maior urgência, como manutenção do prédio, recursos humanos, materiais pedagógicos e de limpeza.

DEMONSTRAÇÃO DAS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS USUÁRIOS

CRAS SUL:

Neste segundo semestre, houve ainda a continuidade do período de isolamento social, devido à pandemia da COVID-19, onde o envolvimento das famílias ocorreu através de atendimentos particularizados, em sua maioria realizados de forma remota (contato telefônico e whatsapp) e visitas domiciliares, as quais foram realizadas em casos de necessidade, entretanto, ressaltamos que já houve também a retomada gradativa dos atendimentos presenciais. Algumas famílias participaram e participam do processo de Acompanhamento Familiar Particularizado.

PASTORAL DO MENOR:

- As crianças e adolescentes participaram ativamente no planejamento, execução e avaliação do trabalho, onde através das rodas de conversas, os usuários expuseram interesses alémavaliaram a prática, permitiu ajustes constantes para qualificar a ação e tornou mais atrativo o serviço quefoi possível trabalhar a convivência em diversos aspectos.
- Atendimento individualizado com as famílias, onde muitas sugerem temas a serem trabalhados, a partir das dificuldades vivenciadas com as crianças e adolescentes, tanto em seus lares assim como nos acontecimentos na entidade.

- As famílias expõem os pensamentos sobre o trabalho desenvolvido na Pastoral do Menor nas reuniões com o CRAS e através dessa troca de informações CRAS / Pastoral, a Entidade tem a possibilidade de realizar mudanças caso seja necessário.

Encaminhamentos realizados:

(CRAS) () Saúde () Educação () Jurídico

De acordo com a demanda específica apresentada pelas famílias, as mesmas foram encaminhadas para a rede socioassistencial (Outros CRAS, CREAS, UNICAD – Cadastro Único), ao SGD (Defensoria Pública, Conselho Tutelar, dentre outros), outras Políticas Públicas (Saúde, Educação, Previdência Social) , Programa de Intermediação de mão-de-obra (PAT – Posto de Atendimento ao Trabalhador), CIEE, Cartório de Registro Civil, Poupatempo e outros locais para providências quanto à documentação pessoal, além de outros recursos. Salientamos que, em decorrência da pandemia da COVID-19, que provocou a necessidade de isolamento social, vários destes recursos da comunidade para os quais as famílias foram encaminhadas, também ainda realizaram atendimento de forma remota.

Benefícios, programas/projetos acessados:

As famílias foram encaminhadas para inserção e/ou atualização do Cadastro Único, prevendo possibilidade de acesso ao Programa Bolsa Família, Tarifa Social de Energia Elétrica, Programa Renda Cidadã, Programa Ação Jovem, dentre outros Benefícios/Programas, tanto do Governo Federal como do Governo Estadual; ressaltamos ainda que faz-se necessário o encaminhamento destas famílias ao Cadastro Único também para obtenção do NIS, pois este é um dado essencial no preenchimento do SISC. Conforme a demanda da família, esta é acolhida no CRAS, através de atendimento particularizado, e no período de isolamento social através de contato telefônico e whatsapp, objetivando o acesso a benefícios eventuais (cesta de alimentos, cartão alimentação, auxílio natalidade, aluguel social) e/ou PTR (Programa Renda Mínima), referentes ao Governo Municipal, além de orientações diversas. Foram realizados encaminhamentos para a FATEC (Curso de extensão para adolescente) e Programa Minha Chance.

ARTICULAÇÃO COM AS UNIDADES ESTATAIS

A entrada no Serviço é através de busca ativa e acolhidas do CRAS, para levantamento do público prioritário e em seguida é realizado o encaminhamento para a Entidade, e outros são inseridos pela busca espontânea da comunidade no CRAS ou na Pastoral, que são direcionados para o CRAS.

Os desligamentos são realizados no CRAS e a técnica de referência informa a Entidade e os mesmos são efetuados por diversos motivos, como: consenso da equipe (técnica de referência, orientador social e facilitador de oficina) de que a vulnerabilidade já não existe mais; mudança de Bairro e a falta de adesão da família ou da criança / adolescente.

5. DEMONSTRATIVO FÍSICO DOS RECURSOS FINANCEIROS APLICADOS – AEROPORTO II

Despesas	MUNICIPAL	ESTADUAL	FEDERAL	PRÓPRIOS	
				CONTRAPARTIDA	
Pessoal/RH contratado	R\$ 49.740,81			R\$	29.132,10
Serviços de Terceiros – Pessoas Físicas/Jurídicas – Contrato Temporário					
Lanche/Gêneros Alimentícios	R\$ 14.493,78				
Material de Limpeza/Higiene	R\$ 2.134,98				
Material Educativo/Esportivo					
Material Didático/Pedagógico	R\$ 658,92				
Camã, Mesa e Banho					
Material de Copa e Cozinha	R\$ 948,84				
Gás Engarrafado	R\$ 398,52				
Combustível/Lubrificantes Automotivos	R\$ 1.478,94				
Material de Expediente e Processamento de Dados	R\$ 1.505,52				
Serviços de Terceiros – Água, Esgoto, Energia Elétrica, Comunicação e (Aluguel)	R\$ 10.943,28				
Serviços de Terceiros – Manutenção e Conservação de Máquinas, Equipamentos, Veículos e Bens Móveis	R\$ 4.674,96				
Equipamentos e Material Permanente					
Outros – Especificar					
TOTAL	R\$ 86.978,55			R\$	29.132,10

6 AVALIAÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO PELO ÓRGÃO GESTOR JUNTO À INSTITUIÇÃO

O contato estabelecido do CRAS com a Entidade é um ponto positivo, pois através do encontro mensal realizado com a equipe de trabalho, a técnica de referência, e integrantes da coordenação da Pastoral, é de grande importância para um bom andamento do atendimento, onde a equipe pôde expor suas dificuldades e avanços e a equipe do CRAS pôde dar um amparo maior para a mesma, em relação também às estruturas familiares dos atendidos, que muitas vezes eram desconhecidas por parte da orientadora social ou da técnica de referência.

Nos encontros mensais não ocorreram o planejamento das atividades, das técnicas de referência juntamente com a orientadora social, onde a orientadora juntamente com o facilitador e os atendidos planejaram e passaram para a técnica o percurso já planejado.

A Entidade tem uma relação mais próxima com a equipe de monitoramento somente na época das visitas nos Serviços executados pela Pastoral do menor.

O Contato com o CREAS é realizado pelo CRAS, quando necessário o encaminhamento de usuários, através de constatações da equipe de trabalho.

7-FOTOS DE ALGUMAS ATIVIDADES REALIZADAS:AEROPORTO 2

Julho- Aniversariante do mês.



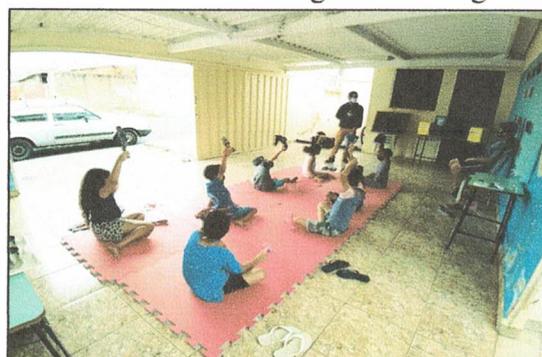
Agosto- Plantando hortaliças.



Setembro – Construção jogo materiais reciclado.



Outubro- Oficina “Desigualdade de gênero”



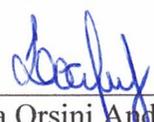
Novembro- Oficina prevenindo á violência

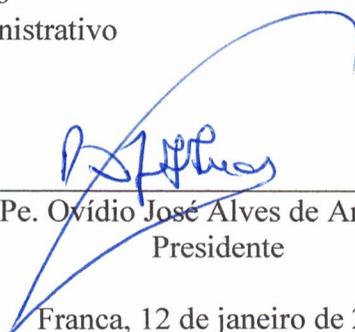


Dezembro- Oficina “quem sou eu”




Diego Castro
Coordenador Administrativo


Lígia Orsini Andrade
Técnica Responsável


Pe. Ovídio José Alves de Andrade
Presidente

Franca, 12 de janeiro de 2022.

“À serviço da vida de crianças e adolescentes”

